

o caso da casa Olga Baeta

Angelo Bucci

2016

Olga Baeta não existiu. Eram Olga Bohomoletz e Sebastião Baeta. Foi para eles que Vilanova Artigas projetou, na década de 1950, a casa no bairro do Butantã em São Paulo. Ela nunca adotou o sobrenome dele. Mas aquela casa acabou por consagrar-se assim: Olga Baeta! Não foi por ironia, é apenas mais um exemplo de como o senso comum predomina inclusive sobre os fatos. Em arquitetura, a força do senso comum merece a maior atenção. Essa força atua no sentido de anular a parte de fato viva no processo de desenho, digo a curiosidade, o questionamento, a possibilidade do erro, a surpresa e a beleza dos arranjos inusitados. Pelo senso comum, a ação se automatiza e o saber se degenera em preconceito. Nesse campo há mais normas que lembranças, mais regras que afetividade e mais padrão do que memória. No entanto, e contraditoriamente, é justamente no âmbito da vida cotidiana que ele, o senso comum, viceja e triunfa. A menção vem ao caso para manter ao alcance das nossas considerações o fato de que não é preciso estar propriamente vivo para se desenhar uma casa. Ela pode ser produzida sem que se faça pergunta nenhuma, como se tudo ali precisasse ser por sempre ter sido. Na ação dominada pelo senso comum a imaginação definha, não há memória das experiências vividas nem se acalenta desejo de transformações.

A isso Olga Baeta se apresenta como um belo contraste.

As suas empenas de concreto estampam a memória das casas de madeira da infância vivida no Paraná. Naquele contexto, exibir com tal gosto as reminiscências de um passado modesto soa grandioso. A afeição ao passado informa a ação, mas não lhe impõe qualquer limite. Ao contrário, o esquema estrutural, três pórticos sucessivos demonstram o apego do arquiteto ao rigor da sua formação na escola politécnica. Vilanova Artigas concilia lembranças e formação, a memória é uma razão, ou motivo, a capacidade técnica é recurso. É nesse tipo de conciliação que ele alicerça sua liberdade propositiva. Vejamos um exemplo disso. Os três pórticos são um par [dois simétricos, nas fachadas] e um ímpar [muito distinto dos outros dois, no centro]. Parece simples, talvez seja de fato, mas não é óbvio; não é fácil de propor o que ainda não foi feito ou propor aquilo que não descarta a possibilidade do erro. Vilanova Artigas enfrenta o assunto e suprime, como tinha de ser, a empena de concreto no pórtico central. Mas sendo assim, como ele realiza o balanço no pórtico central sem que as empenas estejam ali? Então ele lança mão de um elemento inusitado para aquele pequeno conjunto: a escora. Tudo foi cuidadosamente calculado e meticulosamente desenhado.

Eis que a casa entra em obras, era final da década de 1950. A execução da obra negligencia os planos, pois prefere confiar antes no seu senso comum. Assim, ela interpola pilares ocultos em meio às alvenarias e suprime um trecho da viga que travava os pilares do pórtico central na altura da laje do piso do primeiro andar. A falta deste pequeno trecho, cerca de 1m, de viga, condenou ao colapso a escora originalmente concretada. Naquela época, os recursos e o cronograma de obra não permitiram refazer a escora. Em nova demonstração de liberdade, Vilanova Artigas não teve qualquer dificuldade: botou um pilar provisório do lado de fora da casa, apoiando a laje de cobertura num ponto muito próximo onde deveria estar a parte superior da escora e terminou a obra. Assim, a casa originalmente concebida com seis apoios tinha outros quatro: aquele externo definido como solução possível pelo arquiteto e outros três ocultos na alvenaria definidos pelo senso comum do construtor.

Quando quarenta anos mais tarde, fui convidado para recuperar a casa, fui à Fundação Vilanova Artigas que

gentilmente forneceu todos os desenhos. Confiei nos planos e quebramos justamente a linha de alvenaria que ocultava os três pilares intrusos. O engenheiro que nos acompanhava era Ibsen Puleo Uvo, a cada surpresa ele recalculava a estrutura e criava condições para que funcionasse como pensada originalmente. Assim, ele refez o trecho de viga que faltava e então lançou o desafio: 'se quiser refazer a escora, ela agora funcionará perfeitamente'.

Memória viva de Vilanova Artigas na casa Olga Baeta.